



# Ensino e Aprendizagem como Unidade Dialética

Kelly Cristina Campones  
(Organizadora)

**Kelly Cristina Campones**  
(Organizadora)

# **Ensino e Aprendizagem como Unidade Dialética**

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Geraldo Alves  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
E59	Ensino e aprendizagem como unidade dialética [recurso eletrônico] / Organizadora Kelly Cristina Campones. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Ensino e Aprendizagem como Unidade Dialética; v. 1)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-481-8 DOI 10.22533/at.ed.818191507  1. Aprendizagem. 2. Educação – Pesquisa – Brasil. I. Campones, Kelly Cristina.  CDD 371.102
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

O e-book intitulado como: “Ensino e Aprendizagem como Unidade Dialética”, apresenta três volumes de publicação da Atena Editora, resultante do trabalho de pesquisa de diversos autores que, “inquietos” nos seus mais diversos contextos, consideraram em suas pesquisas as circunstâncias que tornaram viável a objetivação e as especificidades das ações educacionais e suas inúmeras interfaces.

Enquanto unidade dialética vale salientar, a busca pela superação do sistema educacional por meio das pesquisas descritas, as quais em sua maioria concebem a importância que toda atividade material humana é resultante da transformação do mundo material e social. Neste sentido, para melhor compreensão optou-se pela divisão dos volumes de acordo com assunto mais aderentes entre si, apresentando em seu volume I, em seus 42 capítulos, diferentes perspectivas e problematização acerca do currículo, das práticas pedagógicas e a formação de professores em diferentes contextos, corroborando com diversos pesquisadores da área da educação e, sobretudo com políticas públicas que sejam capazes de suscitar discussões pertinentes acerca destas preposições.

Ainda, neste contexto, o segundo volume do e-book reuniu 29 artigos que, constituiu-se pela similaridade da temática pesquisa nos assuntos relacionados à: avaliação, diferentes perspectivas no processo de ensino e aprendizagem e as Tecnologias Educacionais. Pautadas em investigações acadêmicas que, por certo, oportunizará aos leitores um repensar e/ou uma amplitude acerca das problemáticas estudadas.

No terceiro volume, categorizou-se em 25 artigos pautados na: Arte, no relato de experiências e no estágio supervisionado, na perspectiva dialética, com novas problematizações e rupturas paradigmáticas resultante da heterogeneidade do perfil acadêmico e profissional dos autores advindas das temáticas diversas.

Aos autores dos diversos capítulos, cumprimentamos pela dedicação e esforço sem limites. Cada qual no seu contexto e pautados em diferentes prospecções viabilizaram e oportunizaram nesta obra, a possibilidade de ampliar os nossos conhecimentos e os diversos processos pedagógicos (algumas ainda em transição), além de analisar e refletir sobre inúmeras discussões acadêmicas conhecendo diversos relatos de experiências, os quais, pela soma de esforços, devem reverberar no interior das organizações educacionais e no exercício da constante necessidade de pensar o processo de ensino e aprendizagem como unidade dialética.

Cordiais saudações e meus sinceros agradecimentos.

Kelly Cristina Campones

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
“HANSEI”: UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA JAPONESA E SUAS POSSÍVEIS APLICAÇÕES NAS ESCOLAS BRASILEIRAS	
<i>Ana Luísa da Costa</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8181915071</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>8</b>
A BUSCA POR RECONHECIMENTO COMO MOTIVAÇÃO PARA DESENVOLVIMENTO DO CURRÍCULO	
<i>Mauro Sérgio da Silva</i>	
<i>Flávia Dias Coelho da Silva</i>	
<i>Izabella Gonçalves Bocayuva</i>	
<i>Lucas Evangelista Rangel</i>	
<i>Lucas Miranda</i>	
<i>Marcelo Visintini</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8181915072</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>20</b>
A DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR NO CONTEXTO NEOLIBERAL: CONTRIBUIÇÕES DA DIDÁTICA DE PERSPECTIVA CONTRA-HEGEMÔNICA	
<i>Lenilda Rêgo Albuquerque de Faria</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8181915073</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>32</b>
A FORMAÇÃO DOCENTE E A EDUCAÇÃO A PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECÍFICAS NO IF SERTÃO-PE <i>CAMPUS</i> SALGUEIRO	
<i>Gercivania Gomes da Silva</i>	
<i>Carlos Wendel Gomes da Silva</i>	
<i>Sandra Regina da Silva Galvão</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8181915074</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>38</b>
A FORMAÇÃO DOCENTE: CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL E DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS	
<i>Katia Fraitag</i>	
<i>Miguel Julio Zadoreski Junior</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8181915075</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>43</b>
A FORMAÇÃO DOS PEDAGOGOS PARA O ENSINO DE MATEMÁTICA NO MÉTODO DO IAB NO MUNICÍPIO DE BOA VISTA-RR	
<i>Kátia Maria Abreu da Silva</i>	
<i>Janaene Leandro de Sousa</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8181915076</b>	

<b>CAPÍTULO 7 .....</b>	<b>50</b>
A FORMULAÇÃO DE TAREFAS PARA PROMOVER O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DO PROFESSOR QUE ENSINA MATEMÁTICA	
<i>Cristina Meyer</i>	
<i>Mariana Maria Rodrigues Aiub</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8181915077</b>	
<b>CAPÍTULO 8 .....</b>	<b>61</b>
A PRÁTICA COMO COMPONENTE CURRICULAR E A POSSIBILIDADE DE CONSTRUÇÃO DOS SABERES DOCENTES	
<i>Francisca de Lourdes dos Santos Leal</i>	
<i>Vilmar Aires dos Santos</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8181915078</b>	
<b>CAPÍTULO 9 .....</b>	<b>73</b>
REFLEXOS DA REFORMA EDUCACIONAL DOS ANOS 1990 NA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ESTADO DO ACRE	
<i>Hildo Cezar Freire Montysuma</i>	
<i>Rosalu Ribeiro Barra Feital Nogueira</i>	
<i>Emilly Ganum Areal</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8181915079</b>	
<b>CAPÍTULO 10 .....</b>	<b>107</b>
ALGUMAS DISCUSSÕES SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE EM MATEMÁTICA E A HISTÓRIA DA DIDÁTICA NAS LICENCIATURAS EM MATEMÁTICA DA BAHIA (1940-1960)	
<i>Januária Araújo Bertani</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81819150710</b>	
<b>CAPÍTULO 11 .....</b>	<b>118</b>
APONTAMENTOS SOBRE A ATIVIDADE DE MONITORIA DA DISCIPLINA DE QUÍMICA GERAL PARA ALUNOS DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS	
<i>Luciana Silva Rocha Contim</i>	
<i>Luis Antônio Serrão Contim</i>	
<i>João Pedro Carmo Filgueiras</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81819150711</b>	
<b>CAPÍTULO 12 .....</b>	<b>123</b>
APRENDIZADO, MOTIVAÇÃO E DIVERSÃO: JOGOS COMO ESTRATÉGIA PARA O ENSINO DE BIOLOGIA CELULAR	
<i>Laís Corrêa Lima</i>	
<i>Agatha Santos de Jesus</i>	
<i>Angélica Ferreira Carreiro</i>	
<i>Ingrid da Silva Rola</i>	
<i>Karolainy Teixeira da Conceição</i>	
<i>Maik da Silva de Souza</i>	
<i>Rafaela Nunes Santos</i>	
<i>Yasmim de Oliveira Paula</i>	
<i>Yhasmim Hellen Viana Scandian</i>	
<i>Marina Sousa Manoel Damasceno</i>	
<i>Karina Mancini</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81819150712</b>	

<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>135</b>
AS DCN E A FORMAÇÃO DOCENTE: UMA ANÁLISE DA LEGISLAÇÃO E OS DESAFIOS NA IMPLEMENTAÇÃO DOS CURRÍCULOS DOS CURSOS DE LICENCIATURA DA UFPI	
<i>Mirtes Gonçalves Honório</i> <i>Teresa Christina Torres Silva Honório</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81819150713</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>146</b>
AS IMPLICAÇÕES DAS DCN NA ESTRUTURAÇÃO DOS CURRÍCULOS DOS CURSOS DE LICENCIATURA NA UFPI	
<i>Josania Lima Portela Carvalhêdo</i> <i>Maria do Socorro Leal Lopes</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81819150714</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>158</b>
CARTOGRAFIAS LITERÁRIAS E PRÁTICAS DE LEITURA NA ESCOLA BÁSICA	
<i>Fabíola de Fátima Igreja</i> <i>Gilma Gimarães Lisboa</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81819150715</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>171</b>
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO: PERSPECTIVAS PARA O TRABALHO COM TEXTOS OPINATIVOS	
<i>Rodrigo Leite da Silva</i> <i>Fabiana Meireles de Oliveira</i> <i>João Paulo Buranelli Mantoan</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81819150716</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>180</b>
EXPECTATIVAS PROFISSIONAIS E CONCEPÇÕES DE PEDAGOGIA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PEDAGOGOS: O QUE DIZEM OS ESTUDANTES DO CSHNB/UFPI?	
<i>Luciana Silva Dias</i> <i>José Leonardo Rolim de Lima Severo</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81819150717</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>186</b>
ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA FAVORÁVEL À FORMAÇÃO INTERDISCIPLINAR: UM ESTUDO DE CASO	
<i>Emmanuel Paiva de Andrade</i> <i>Jasmin Lemke</i> <i>Neide Lucia de Oliveira Almeida</i> <i>Maria Augusta de Castro Seixas</i> <i>Elisabeth Flavia Roberta Oliveira da Motta</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81819150718</b>	

<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>198</b>
FILOSOFIA UBUNTU COMO PRÁTICA POLÍTICO-PEDAGÓGICA DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE NEGRA E CONSCIÊNCIA AFRO-DIASPÓRICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
<i>Isis Natureza Oliveira da Silva</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81819150719</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>203</b>
FORMAÇÃO DE PROFESSORES: A PESQUISA-AÇÃO COMO ESTRATÉGIA DIDÁTICO-METODOLÓGICA DE INVESTIGAÇÃO	
<i>José Álbio Moreira de Sales</i>	
<i>Tânia Maria de Sousa França</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81819150720</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>215</b>
FORMAÇÃO E A DOCÊNCIA À LUZ DA TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	
<i>Elda Silva do Nascimento Melo</i>	
<i>Antonia Maira Emelly Cabral da Silva Vieira</i>	
<i>Camila Rodrigues dos Santos</i>	
<i>Erivania Melo de Moraes</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81819150721</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>234</b>
FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES QUE ENSINAM MATEMÁTICA: ALGUMAS REFLEXÕES	
<i>Cíntia Fogliatto Kronbauer</i>	
<i>Anemari Roesler Luersen Vieira Lopes</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81819150722</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>245</b>
MERLÍ E OS SABERES DA DOCÊNCIA	
<i>Vera Maria Luz Spínola</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81819150723</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>256</b>
MOTIVAÇÃO DE ESCOLARES PORTUGUESES DO TERCEIRO CICLO DO ENSINO BÁSICO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA	
<i>Fábio Brum</i>	
<i>Ellen Aniszewski</i>	
<i>José Henrique dos Santos</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81819150724</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>267</b>
NÚCLEOS DE PESQUISA NA ESCOLA: POSSIBILIDADES DE MUDANÇAS DIDÁTICAS E PRÁTICAS DE ENSINO DOS PROFESSORES*	
<i>Jaqueline Ritter</i>	
<i>Andreia Rosa de Avila de Vasconcelos</i>	
<i>Andréa Borges Umpierre</i>	
<i>Francieli Chibiaque</i>	
<i>Otavio Aloisio Maldaner</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81819150725</b>	

<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>285</b>
O APRENDER-ENSINAR DA LEITURA: TRAVESSIAS POR VIR	
<i>Gilcilene Dias da Costa</i>	
<i>Jessé Pinto Campos</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81819150726</b>	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>297</b>
O ENSINO POR INVESTIGAÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS: UMA REVISÃO A PARTIR DOS ANAIS DO ENPEC	
<i>Jéssica Cremonini Caprini</i>	
<i>Mariana Donateli Gatti</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81819150727</b>	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>302</b>
O INÍCIO DA DIDÁTICA NO CURSO DE MATEMÁTICA NA BAHIA (1940-1960)	
<i>Januária Araújo Bertani</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81819150728</b>	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>313</b>
O SABER DOCENTE E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PEDAGOGOS PARA O ENSINO DA MATEMÁTICA	
<i>Lílian Pereira Guedes</i>	
<i>Jorge Costa do Nascimento</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81819150729</b>	
<b>CAPÍTULO 30</b> .....	<b>321</b>
OS ARTÍFICES DA FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA: O CONHECIMENTO TEÓRICO/PRÁTICO DESENVOLVIDO NO CURSO DE PEDAGOGIA/PARFOR	
<i>Lui Nörnberg</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81819150730</b>	
<b>CAPÍTULO 31</b> .....	<b>332</b>
OS IMPACTOS DAS NOVAS POLÍTICAS CURRICULARES NA DIDÁTICA E PROFISSIONALIDADE DE PROFESSORAS INICIANTES	
<i>Joelson de Sousa Morais</i>	
<i>Franç-Lane Sousa Carvalho do Nascimento</i>	
<i>Nadja Regina Sousa Magalhães</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81819150731</b>	
<b>CAPÍTULO 32</b> .....	<b>344</b>
OS SABERES DA EXPERIÊNCIA COMO PRINCÍPIO DA PRÁTICA DOCENTE	
<i>Lourdes Cavalcante Couto de Melo</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81819150732</b>	
<b>CAPÍTULO 33</b> .....	<b>350</b>
PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES DA FORMAÇÃO INICIAL ÀS SUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	
<i>Claudia Martins de Souza</i>	
<i>Rosângela Gasparim</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81819150733</b>	

<b>CAPÍTULO 34</b> .....	<b>356</b>
PLANEJAMENTO COLETIVO: UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA NA DISCIPLINA DE DIDÁTICA	
<i>Tânia Maria de Sousa França</i>	
<i>Nancy Mireya Sierra Ramirez</i>	
<i>Joilson Silva de Sousa</i>	
<i>Ana Cristina de Souza Lima</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81819150734</b>	
<b>CAPÍTULO 35</b> .....	<b>367</b>
POLÍTICAS, ENSINO DAS CIÊNCIAS E INICIAÇÃO CIENTÍFICA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES: CONTEXTOS, DIÁLOGOS E REFLEXÕES	
<i>Simone Souza Silva</i>	
<i>Arminda Rachel Botelho Mourão</i>	
<i>Francisca Keila de Freitas Amoedo</i>	
<i>Mateus de Souza Coelho Filho</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81819150735</b>	
<b>CAPÍTULO 36</b> .....	<b>369</b>
PRÁTICA PEDAGÓGICA: CONCEPÇÃO DE PROFESSORES DE UMA INSTITUIÇÃO EDUCATIVA DA COLÔMBIA –CO	
<i>Rosenilda Rocha Bueno</i>	
<i>Adelmo Carvalho da Silva</i>	
<i>Oscar Orlando Hoyos Gaviria</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81819150736</b>	
<b>CAPÍTULO 37</b> .....	<b>380</b>
PRÁTICA PEDAGÓGICA: EDUCANDO DE FORMA LUDICA POR MEIO DE ALIMENTOS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA	
<i>Cristiano de Assis Silva</i>	
<i>Carlos Luis Pereira</i>	
<i>Ângela Maria dos Santos Florentino</i>	
<i>Cristiane de Assis Ribeiro da Silva</i>	
<i>Kristielly Pereira de Assis Ribeiro da Silva</i>	
<i>Dirlan de Oliveira Machado Bravo</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81819150737</b>	
<b>CAPÍTULO 38</b> .....	<b>389</b>
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS BEM SUCEDIDAS NO ENSINO MÉDIO	
<i>Silvana Soares de Araujo Mesquita</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81819150738</b>	
<b>CAPÍTULO 39</b> .....	<b>399</b>
PROFESSORES DE DIDÁTICA E SEUS ESTUDANTES: OS ARTÍFICES DA FORMAÇÃO	
<i>Maria Janine Dalpiaz Reschke</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81819150739</b>	

<b>CAPÍTULO 40</b> .....	<b>410</b>
QUANDO A PRÁTICA SE TORNA COMPONENTE CURRICULAR DOS PPPS DE LETRAS	
<i>Núbio Delanne Ferraz Mafra</i>	
<i>Vladimir Moreira</i>	
<i>Marcelo Cristiano Acri</i>	
<i>Beatriz do Prado Ferreira</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81819150740</b>	
<b>CAPÍTULO 41</b> .....	<b>417</b>
SABERES EM INTERAÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: A UNIVERSIDADE EM CONEXÃO COM JOVENS DO ENSINO MÉDIO	
<i>Rosilda Arruda Ferreira</i>	
<i>Luiza Olívia Lacerda Ramos</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81819150741</b>	
<b>CAPÍTULO 42</b> .....	<b>427</b>
TESSITURAS PEDAGÓGICAS PARA A EDUCAÇÃO BILINGUE: CAMINHOS PARA A ACESSIBILIDADE DOS SURDOS	
<i>Eliana da Silva Neiva Brito</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81819150742</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>436</b>

## OS IMPACTOS DAS NOVAS POLÍTICAS CURRICULARES NA DIDÁTICA E PROFISSIONALIDADE DE PROFESSORAS INICIANTES

### Joelson de Sousa Morais

Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP,  
Programa de Pós-Graduação em Educação,  
Campinas-SP.

### Franco-Lane Sousa Carvalho do Nascimento

Universidade Estadual do Maranhão-UEMA,  
Curso de Pedagogia,  
Caxias-MA.

### Nadja Regina Sousa Magalhães

Universidade Federal de Pelotas-UFPEL,  
Programa de Pós-Graduação em Educação,  
Pelotas-RS.

**RESUMO:** Este artigo trata de uma pesquisa qualitativa, na qual foi realizada com três professoras iniciantes que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental, numa escola da rede pública de ensino, na cidade de Caxias-MA. Os instrumentos de investigação utilizados foram: observações, diário de campo e entrevista narrativa. Apresenta como objetivos: compreender os impactos das políticas curriculares atuais na didática de professoras iniciantes, bem como refletir acerca das reformas educativas no cotidiano do desenvolvimento profissional de professoras iniciantes. A fundamentação deste estudo, segue os princípios teórico-epistemológicos de Ball (2014), Hypolito (2012), Torres Santomé

(2013) entre outros. Os resultados mostram que: a) as novas políticas neoliberais em processo de operacionalização pela hegemonia política no cenário brasileiro atual, causam um choque de realidade no cotidiano da prática pedagógica de professoras iniciantes, trazendo profundas implicações em sua didática ao se defrontar com novos e diferentes programas educacionais, os quais muitas vezes não foram aprofundados e problematizados durante o processo de formação inicial; b) Do mesmo modo, essas modificações curriculares impulsionam as docentes iniciantes a uma constante (re)elaboração dos saberes da prática pedagógica, necessários e imprescindíveis aos contextos de aprendizagem e ensino; e, c) Mesmo que em sua maioria, sejam políticas verticalmente impostas no campo educacional, as professoras iniciantes não se deixam aprisionar o tempo todo, e, portanto, criam e (re)criam saberes curriculares importantes e substanciais durante a escolarização, contribuindo para potencializar o processo de aprendizagem de crianças e jovens no desenvolvimento da prática pedagógica, de forma democrática e emancipatória.

**PALAVRAS-CHAVE:** Currículo. Políticas Educacionais. Professoras Iniciantes.

**ABSTRACT:** This article deals with a qualitative research, in which it was carried out with three beginner teachers who work in the initial years

of Elementary School, in a school of the public school system, in the city of Caxias-MA. The research instruments used were: observations, field diary and narrative interview. It presents as objectives: to understand the impacts of current curricular policies on the didactics of beginning teachers, as well as to reflect on educational reforms in the daily life of the professional development of beginning teachers. The reasoning of this study follows the theoretical-epistemological principles of Ball (2014), Hypolito (2012), Torres Santomé (2013) and others. The results show that: a) the new neoliberal policies in process of operationalization by political hegemony in the current Brazilian scenario, cause a reality shock in the daily practice of the pedagogical practice of beginning teachers, bringing profound implications in their didactics when confronted as new and different educational programs, which have often not been deepened and problematized during the initial training process; b) In the same way, these curricular changes impel the beginning teachers to a constant (re) elaboration of the knowledge of the pedagogical practice, necessary and essential to the contexts of learning and teaching; and, (c) Even if most of them are vertically imposed policies in the field of education, beginning teachers do not allow themselves to be imprisoned at all times, and thus create and (re) create important and substantial curricular knowledge during schooling, contributing to to foster the learning process of children and young people in the development of pedagogical practice, in a democratic and emancipatory way.

**KEYWORDS:** Curriculum. Educational Policies. Beginners Teachers.

## 1 | PALAVRAS INICIAIS

O presente texto é fruto de uma pesquisa qualitativa, realizada com 03 (três) professoras iniciantes que atuam nos anos iniciais numa escola da rede pública de ensino na cidade de Caxias-MA.

Os objetivos deste artigo são: compreender os impactos das políticas curriculares atuais na didática de professoras iniciantes, bem como refletir acerca das reformas educativas no cotidiano do desenvolvimento profissional de professoras iniciantes.

As ideias aqui desenvolvidas, fazem parte de estudos, discussões e investigações do “Grupo de Pesquisas Interdisciplinares: educação, saúde e sociedade”, certificado pelo CNPQ/UEMA, e buscam delinear as implicações das novas políticas e reformas educativas na didática cotidiana de professores/as iniciantes. Nesse sentido, a problematização compreende sobre: Quais as implicações das novas políticas curriculares na prática pedagógica de professoras iniciantes?

Neste texto, estamos entendendo as políticas educativas, em consonância com as ideias de Torres Santomé (2013, p. 179), “como propostas que influenciam a construção da sociedade do futuro que cada ideologia e opção política considera ideal; bem como o conjunto de reformas que servem de guia e garantia para seus projetos políticos no curto, médio e/ou longo prazo”.

Vale ressaltar que historicamente no Brasil, fazendo uma análise de avanços e

retrocessos políticos em matéria de educação, que:

[...] dos anos de 1980 para cá, a hegemonia tem sido de governos identificados com o neoliberalismo, ou com políticas regidas pelos pressupostos neoliberais, em boa medida impostas pelas agendas conservadoras das agências internacionais. Isso é mais nítido nas políticas de formação docente, políticas de avaliação, de currículo e de gestão” (HYPÓLITO, 2012, p. 544).

A ideia de uma discussão pautada nessa perspectiva, pode revelar possibilidades outras de pensar como está sendo desenvolvido o trabalho de professores/as, no cotidiano profissional, sobretudo, porque, cada momento e tempo histórico, vai revelar que tipo de didática está se desenvolvendo, principalmente, se for levado em consideração as pressões e modos de materialização do fazer docente no bojo das transformações mercadológicas do capitalismo contemporâneo, fruto da massificada e vertiginosa globalização que vem assolando a sociedade em ritmos frenéticos e alucinantes, em todas as dimensões.

Em matéria de currículo, o surgimento de variados programas, materiais pedagógicos, modelos, instrumentos e modos de ensinar, que buscam orientar/conduzir ou mesmo regular o trabalho docente, acabam que causando uma série de implicações, das mais diversas formas no desenvolvimento profissional de professores/as iniciantes. Principalmente, porque, muitas reflexões tecidas na academia, não conseguem acompanhar o cotidiano de professores/as no contexto das escolas, e isso pode trazer estranhamentos, dúvidas e ambiguidades pelo fato de esses professores/as em início de carreira, se defrontar com uma cultura ainda não vivenciada, tendo que aprender, na própria prática, como é ser docente.

Recente pesquisa sobre professores/as iniciantes, como o trabalho encomendado na ANPED por Curado Silva (2017), no GT 08 “Formação de Professores”, revelou dificuldades e desafios no que diz respeito ao “*conteúdo, a metodologia e as condições* objetivas do trabalho docente, que geram sentimentos e sensações como angústia, insegurança, fracasso e desmotivação” (CURADO SILVA, 2017, p. 9. Grifos nossos). Nesse sentido, o currículo representa uma grande preocupação das professoras iniciantes, como se pode perceber, e sob o qual, traz implicações na sua tessitura identitária, uma vez que o fato de organizar os conteúdos e como mobilizá-los no cotidiano da prática pedagógica, repercute, significativamente, no ser professora e no processo de constituição de uma identidade que está em constante mutação.

Nesse texto, são apresentadas algumas reflexões, de quais seriam essas implicações políticas do currículo escolar no cotidiano profissional de professoras iniciantes, com base nos seu relatos e narrativas. Nesse sentido, as discussões deste artigo, relatam primeiramente as didáticas vivenciadas, a partir das experiências tidas pelas docentes por meio do Programa Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa-PNAIC, fazendo, por último algumas articulações com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o movimento do “Escola Sem Partido” (ESP). A ideia, é pensar

essas políticas curriculares como profundamente implicadoras e impactantes no trabalho pedagógico de professoras iniciantes.

## **2 | PERCURSO METODOLÓGICO E EPISTEMOLÓGICO DA PESQUISA**

O presente artigo é uma pesquisa qualitativa, realizada com três professoras iniciantes, licenciadas em Pedagogia, que atuam numa escola nos anos iniciais do Ensino Fundamental na rede pública municipal de ensino de Caxias-MA. No momento da pesquisa (em 2014) as professoras pesquisadas estavam no 2º ano exercendo a docência como docentes; fase essa considerada como professoras iniciantes, conforme Marcelo Garcia (1999).

Os instrumentos de investigação utilizados foram: observações, diário de campo e entrevista narrativa. As observações foram realizadas durante as práticas pedagógicas desenvolvidas pelas professoras iniciantes. Quanto ao diário de pesquisa, este foi por nós registrado durante as observações das pesquisadas, e a entrevista narrativa, foi realizada após feito um conjunto de observações e registros do diário de pesquisa.

Com o intuito de respeitar as identidades e primando pelos aspectos éticos e legais da pesquisa científica, neste artigo, não serão revelados os nomes das professoras iniciantes pesquisadas, e sim pseudônimos de flores, a saber: Margarida, Rosa e Violeta. Quanto às falas das pesquisadas, são apresentadas apenas algumas de suas narrativas.

A compreensão da narrativa como técnica de pesquisa, aqui esboçada, está baseada em Josso (2010), na qual a compreendemos como um dispositivo de formação e (auto)formação do sujeito, que dá sentido à sua experiência a partir dos conhecimentos tecidos em seus percursos formativos de vida, ao pensar, viver e dizer sobre si mesmo e sobre a realidade que o circunda, tomando forma e gerando possibilidades de metamorfose no processo existencial.

Quanto à perspectiva teórico-metodológica e epistemológica são pautadas em contribuições de teóricos da área das políticas educacionais e dos estudos curriculares, como Ball (2014), Hypólito (2012), Torres Santomé (2013), entre outros.

## **3 | A PRÁTICA COTIDIANA DE PROFESSORAS INICIANTE: ENTRE A REGULAÇÃO E TRANSGRESSÃO (RE)CRIADORA**

Na sociedade contemporânea, uma infinidade de programas educacionais, formações, materiais didático-pedagógicos e modelos formativos são apresentados aos/às inúmeros/as professores/as que fazem parte do sistema educacional brasileiro, e que muitas vezes, esses “modelos” prontos de ensinar e “aplicar na prática” o que se aprendeu em alguma formação que os/as docentes tiveram, repercutem diretamente

na constituição de sua didática e identidade.

Só para mencionar algumas das inúmeras políticas de cunho gerencialista, caracterizada por marcos regulatórios para a educação escolar, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), alavanca uma série de outras políticas curriculares, que vai trazendo uma cultura institucional forjada pelo modelo capitalista na educação. Isso mostra às professoras iniciantes, já no início de carreira, como funciona a lógica da escola, em busca dos devidos resultados, induzindo às docentes a trabalhar sempre uma maior quantidade de conteúdos e com um ritmo acelerado, em busca de uma suposta qualidade desejada, a qual não representa, de fato, um aprendizado qualitativo das crianças no processo de escolarização mas sim uma *performance* dos mesmos. Ou como esclarece a literatura a esse respeito:

O contexto das políticas gerencialistas, que seguem a lógica da eficácia e da eficiência produtivista, é mais amplo do que o Ideb em si e, por isso mesmo, não pode a ele ficar restrito. Envolve as políticas de avaliação em larga escala que vêm sendo desenvolvidas há alguns anos, envolve os Parâmetros Curriculares Nacionais, as políticas de livros didáticos que seguem os parâmetros, as diretrizes curriculares para a Escola Básica, as diferentes provas e exames – internacionais e nacionais –, a definição de competências e habilidades, dentre outras políticas específicas que se poderia indicar (HYPÓLITO, 2012, p. 540).

Além do mais, o fato de organizar os conteúdos e desenvolvê-los no cotidiano da prática pedagógica, muitas vezes está atrelado aos mecanismos de imposição curricular, pelos organismos oficiais internacionais, que conduzem a ideologia dominante, a uma prática curricular, sempre levando em consideração a eficácia e eficiência dos resultados, fazendo com que os/as professores/as – por não terem tempo pra pensar em outra coisa, senão no saber-fazer da prática cotidiana – se esqueçam de outras habilidades e competências que poderiam ser desenvolvidas na prática docente, que extrapolam as dimensões apenas cognitivas, como as afetivo-emocionais, culturais, psicomotoras, entre outras.

Buscamos, assim como Pacheco (2009, p. 394) “compreender o currículo nas suas relações de subjetividade e dentro de uma valorização da dimensão humana”, na construção do currículo como experiência pessoal, pelo fato de que as identidades narrativas tecidas entre os lugares do Eu e do Outro, conferem um significado ao que “entre-somos”, os quais se revelam potencialmente significativos, como valorização da experiência e desenvolvimento pessoal/profissional de professoras iniciantes, nos processos de aprender e ensinar, como exercício da democracia cognitiva e emancipatória na sociedade atual.

É diante desse contexto profundamente implicacional, que o currículo “toma forma”, e vai sendo tecido a narrativa biográfico identitária de professoras iniciantes, ao mobilizar os saberes necessários ao ensino, tendo que se defrontar continuamente com um universo plural, híbrido, incerto e amalgamado pelas políticas neoliberais que impõem um currículo oficial, mas que ao mesmo tempo, é metamorfoseado por

elas, de uma forma crítica, reflexiva ou até reprodutora e repetitiva, dependendo das escolhas teórico-políticas-metodológicas e epistemológicas que faz. Acreditamos que essa realidade, pode ser descrita a partir do conceito de “performatividade” no âmbito das políticas educacionais, esboçado por Ball (2014) que significa “[...] forma por excelência de governamentalidade neoliberal, que abrange a subjetividade, as práticas institucionais, a economia e o governo (BALL, 2014, p. 66). Correlacionando com o trabalho das professoras iniciantes, corresponderia, portanto, a um “currículo neoliberal” a partir dos sistemas de gestão de desempenho que as docentes precisam ter e mostrar, e que isso vai impactando nas “subjetividades das praticantes”, de tal modo, que entra em cena, oscilações de uma identidade que vai formando-se, em constantes tessituras, pelo que sabem e fazem, ou seja, pelo currículo que vai trazendo implicações no perfil de professora que tece, enquanto profissional.

O programa Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), (BRASIL, 2012) apesar de ser uma política curricular neoliberal, e está concebido a partir de princípios que “ditam as regras do jogo”, em modos de saber-fazer com orientações curriculares para desenvolver na didática das professoras, tem representado, por outro lado, para além dos marcos regulatórios, para as professoras iniciantes pesquisadas, um dos contextos mais profícuos para tecer conhecimentos em rede, desde o princípio de suas experiências enquanto docentes. Nestes encontros, além do momento pedagógico, tem algumas pausas (intervalos), as quais se mostram positivas, em que são tecidos outros saberes para além dos acadêmicos, configurando-se como relevantes para a construção dos saberes da prática pedagógica.

Numa das narrativas reveladas pela professora Rosa, a mesma tem mostrado as contribuições que o PNAIC vem propiciando à sua prática pedagógica, porque tem servido como outro contexto de formação, além de ter contatos com vários(as) outros(as) professores(as) e coordenadoras do programa. Assim se posicionou a professora:

O encontro do PNAIC é por ano. Então, os primeiros anos [os professores que trabalham no 1º ano do ensino fundamental] se encontram e fazem suas atividades juntos, suas rotinas, seus planos, se planejam juntos. E os segundos anos também a mesma coisa, entendeu? Independente de trabalhar de manhã ou a tarde, turnos diferentes, é justamente por isso que eles [do PNAIC] colocam [o encontro] num dia que dá pra todo mundo, no sábado.

[...] A gente tá em constante aprendizagem; a gente costuma trocar ideias com pessoas mais experientes (**Narrativa profa. Rosa – 05/06/14**).

O mobilizar saberes na prática pedagógica das professoras iniciantes em relação à criação e recriação no cotidiano escolar, tem levado em consideração suas experiências, bem como os dispositivos de formação continuada que possuem, porque a escola durante a pesquisa ainda não tinha o Projeto Pedagógico, e as relações de poder se davam pelos planejamentos tecidos dentro do próprio cotidiano escolar, entre coordenadora pedagógica, a gestora e as professoras, bem como as

contribuições do PNAIC, que as faziam inventar, criar e recriar saberes curriculares, para a efetivação do processo ensino e aprendizagem.

A partir de Gallo (2013), é possível reconhecer que, além das professoras iniciantes construírem práticas pedagógicas em seus entremeados processos de profissionalização, fazem tessituras de novos saberes e saberes-fazer curriculares, como múltiplos, ou seja, conceitos e práticas são (re)criados e colocados em expansão, nos vários contextos em que se defrontam, implicando numa educação rizomática, em saberes e fazeres que se confrontam com os de outros sujeitos, em outros lugares e que se manifestam no seu trabalho cotidiano.

Por isso, “Importa fazer rizoma. Viabilizar conexões e conexões; conexões sempre novas. Fazer rizomas com projetos de outros professores. Manter projetos abertos...” (GALLO, 2013, p. 68), e esse rizoma significa o estabelecimento de relações abertas e flexíveis, com outras possibilidades de educação, ensino e aprendizagem, que são tecidas nas práticas cotidianas das professoras iniciantes, pela mobilização de saberes e fazeres em outros múltiplos contextos socioculturais, e, quando surgem enquanto necessidades da profissão, passam a ser construídas práticas, e se consolidam novos projetos em busca de legitimar suas (re)criações, emergidas no processo de subjetivação de suas práticas cotidianas. Isso acontecia nas interações das professoras em outros lugares e com outros sujeitos, como: nas reuniões e encontros do PNAIC; nas discussões, reflexões e troca de conhecimentos e experiências com seus outros pares da escola (quando da construção de projetos e ideias para se concretizar voltadas para os seus alunos) e na interação com professores(as) de outras escolas e âmbitos também; em cursos de especialização para melhorar sua prática pedagógica; enfim, buscavam elementos que se configuram como rizomáticos e ampliavam o que sabiam, agregando-se outros saberes e fazeres que potencializavam o seu trabalho cotidiano.

Foi com a professora **Margarida** que identificamos primeiro a perspectiva da criação pedagógica, quando estava numa aula trabalhando os órgãos dos sentidos. Chegamos, inclusive, a perguntá-la quais as contribuições da sua invenção, uma vez que tinha criado um instrumento para exemplificar o que os conteúdos escolares dizem, porém, fazendo com que as crianças pudessem comparar na realidade como se dava o que a professora estava apresentando no plano discursivo. Sua narrativa de sua prática(s) criadora(s), revela que:

Eu nem sei te dizer assim...(risos), eu percebi, por mim mesma... eu tenho criança em casa, aí eu percebi quando eu vou ensinar meu filho, ele tem 4 anos, mas quando...principalmente conta, quando eu falo dois mais dois, aí ele fica pensando, mas se eu pegar dois objetos e mostrar, “ô a mãe tem esse e colocando ele”... Achei mais fácil, assim eu resolvi trabalhar com minha turma, eu vi que seria mais rápido pra eles pegarem o conhecimento e venho trabalhando dessa forma que eu acho que... de vez em quando a gente tem umas ideias assim...que as vezes dá certo, e tem ideias que não dá, mas dessa vez eu acho que a ideia deu certo ! muito bom (**Narrativa profa. Margarida – 29/05/14**).

Como é possível perceber, a criação da professora neste caso surgiu da sua realidade em casa com seu filho, e que acabou levando para o contexto de sala de aula. Então, os saberes e fazeres curriculares que a professora mobiliza vem de diversos contextos e circunstâncias, inclusive de seu cotidiano social, cultural, familiar, enfim, para além do âmbito do trabalho. Ou seja, para além dos marcos regulatórios impostos pelas políticas curriculares neoliberais.

Como se pode perceber na fala da professora Margarida, e em consonância com as observações e vivências tecidas durante a pesquisa entre pesquisadores e as demais professoras pesquisadas, parte-se do princípio de que “O sujeito neoliberal é mais maleável do que comprometido, mais flexível do que preso a princípios – essencialmente sem profundidade” (BALL, 2014, p. 67). Tanto é que mesmo não vendo e exercitado algumas habilidades, como a autonomia e a investigação durante a sua formação inicial, como revelado durante nossas conversas, extrapola os modos muitas vezes hierarquizados e impostos pelo currículo oficial, e acabam transgredindo de forma (re)criadora na construção de saberes e fazeres curriculares importantes e necessários, em termos de desenvolvimento de suas práticas pedagógicas, inventando outras tantas didáticas no processo de ensino e aprendizagem.

A criação era algo que se mostrava como um imperativo às professoras iniciantes, mas que não se caracterizava como algo forçado, pelo contrário, elas tinham prazer em inventar, pois os benefícios não eram apenas para os educandos, mas para si próprias se tornando mesmo que uma (auto)formação no cotidiano de sua prática. Suas narrativas esclarecem esse aspecto, como explicita a professora **Violeta**:

Semana passada a gente confeccionou materiais porque como a gente estava na semana da criança, foi bem interessante, é que na quarta-feira, dia 08 [de outubro de 2014], eu fiz, ou melhor, trabalhei em grupo [formou grupos com os alunos em sala de aula], claro, em todas as salas, mas cada um fez da sua maneira e a gente confeccionou brinquedos: fizemos boliche. Ontem foi o dia que eu desenvolvi na minha sala de aula o boliche que eu trabalhei a questão da adição [operações matemáticas]. Com relação aos materiais da escola, a gente não tem muitos recursos, agora que a máquina de Xerox chegou pra poder ter essa questão das atividades xerocadas, entendeu? Aí, assim, a gente vai pesquisando, vai vendo o que dá pra fazer, trabalhar, enfim. (**Narrativa profa. Violeta –14/10/14**).

Apreocupação era em realizar uma boa aula, sobretudo, na perspectiva da criação e que as professoras pesquisadas aproveitavam, inclusive, algumas comemorações festivas ou atividades para confeccionar/criar e recriar instrumentos para ensinar, servindo como subsídios para as suas aulas, e contribuindo também para explorar as habilidades criativas de seus alunos. Porém, suas criações não se resumiam apenas a datas comemorativas, e sim, essas práticas já estavam incorporadas como necessidades formativas e permanentes de realizar o seu trabalho cotidiano de aprender e ensinar na escola, de criar e recriar currículo.

Diante das narrativas expressas pelas professoras iniciantes Rosa, Margarida e Violeta, suas didáticas oscilam entre duas dimensões no cotidiano da prática

pedagógica: tanto por meio das “[...] políticas de regulação que interpelam os atores escolares a conduzirem suas ações segundo essa lógica gerencial” (HYPÓLITO, 2012, p. 540), com um ensino focado na formação para um “aprender a fazer”, ao mesmo que se dedicam “a questionar a desterritorialização das estruturas de poder e das políticas de desregulamentação neoliberal” (TORRES SANTOMÉ, 2013, p. 132), ao valorizar os saberes dos educandos e empreender esforços que ultrapassam apenas a um fazer técnico, e (re)constrói outros saberes curriculares que se materializam por meio de: aulas extraclasse; passeios com os alunos; materiais didáticos construídos para exemplificar os conteúdos de ensino; prática da educação problematizadora, ao questionar os usos sociais, políticos e culturais dos saberes aprendidos em sua prática pedagógica; cursos e formações continuada para aperfeiçoar sua didática, entre outros saberes curriculares, imprescindíveis ao processo de ensino e aprendizagem.

Convém ainda enfatizar que mediante as profundas transformações no âmbito das políticas educacionais atuais, urge os seguintes questionamentos: como pensar outras tantas políticas curriculares que vem se perfilando no cenário educacional brasileiro, sem a devida problematização, e muito menos a participação dos/as professores/as iniciantes e experientes, como dos alunos, da comunidade escolar e da sociedade civil?

Na verdade, alguns documentos, no âmbito dos sistemas educacionais são apenas criados por especialistas da área e impostos aos professores, forjados no contexto de uma política pública que tem em seu binômio a ideia de “educação como direito público subjetivo” em contraposição a uma “educação como bem privado”, cuja *performance* é medida pelo Estado. Como é o caso da Base Nacional Comum Curricular-BNCC, sob a responsabilidade do Ministério da Educação (MEC), cuja segunda versão foi divulgada em 2016, e que foi construída por um grupo de estudos consolidado sobre pesquisas e formação de recursos humanos da Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG, de Belo Horizonte, sem a participação devida de professores/as e profissionais da educação (MACEDO, 2015; 2017).

Nesse sentido, entendemos com Macedo (2015; 2017) que a BNCC seria então um documento caracterizado por uma centralização curricular, na qual traz uma lógica performativa do neoliberalismo, engessando as possibilidades de construção de uma escola plural que atenda aos ideais de equidade e justiça social. Age pelo contrário, marca a formulação de direitos de aprendizagem e desenvolvimento, e de educação como *performance* que está na contramão do exercício da democracia em termos de aprendizagem e ensino no cenário brasileiro, que se deseja como uma educação emancipatória.

Outra política curricular demasiadamente ofensiva, para a educação brasileira diz respeito ao movimento “Escola Sem Partido (ESP)”, no qual prega uma “[...] mobilização e controle no âmbito de uma vertente partidária compromissada com a defesa de prerrogativas econômicas, políticas e socioculturais ultraconservadoras” (ALGEBAILLE, 2017, p.70).

De acordo a reportagem de Moreno; Tenente; Farjardo (2017), o movimento ESP foi criado em 2004 pelo advogado paulista Miguel Nagib, e baseado em um modelo fundamentalista, de cunho religioso, de católicos, e sobretudo, evangélicos. Vem sendo apoiado por políticos e personalidades de direita. Virou até lei em Alagoas, chegando a parar no Supremo Tribunal Federal (STF), considerando-o como inconstitucional, por infringir o art. 206 da Constituição Federal (CF), porque legisla sobre uma área de competência da União, e contraria a pluralidade de ideias no ambiente de ensino.

Do mesmo modo, é relevante ressaltar que o ESP “[...] se trata de um movimento conservador que busca mobilizar princípios religiosos, a defesa da família em moldes tradicionais e a oposição a partidos políticos de esquerda e de origem popular” (MACEDO, 2017, p. 509). Tal movimento, reforça ainda a ideia de demandas conservadoras que “[...] desloca ainda mais o jogo político do sentido do controle que exclui a diferença, ao mesmo tempo em que torna explícita essa exclusão (IDEM, p. 509-510).

Preferimos, como alguns intelectuais, professores/as, pesquisadores e entidades representativas da área da educação, bem como o faz uma página do *facebook*, que tem como tema “Professores contra o Escola Sem Partido” criado por professores da área da educação da Universidade Federal Fluminense(UFF), defender a ideia de uma escola, um ensino e uma educação, que respeite a liberdade de expressão, e dê legitimidade aos saberes de professores/as iniciantes e experientes buscando a transformação da sociedade com justiça social.

Entendemos ainda, que essas discussões pontuadas precisam ser feitas, devido aos novos arranjos que o cenário político atual no Brasil, vem se desdobrando, os quais vem se reverberando na didática das professoras iniciantes. Do mesmo modo em que o PNAIC significou um processo de imposição e adaptação curricular no desenvolvimento profissional das docentes pesquisadas, as instituições educacionais e as mídias, sobretudo, no papel dos Estados e Municípios, vem tendo ampla mobilização na adoção das estratégias e estudos da BNCC para ser incorporada pelos/as professores/as, e assim, aceitarem suas diretrizes sem discussões, reflexões ou críticas, bem os/as destituem do processo de questionamento acerca da valorização da profissão docente em contextos de mudanças, já que, cada vez mais aumenta-se o trabalho da classe, com a adoção de outras tantas responsabilidades com novos, diferentes e impactantes currículos, mas que vem, concomitantemente, regredindo os investimentos em educação, em especial, no cumprimento do piso salarial docente nacional, bem como nas condições de trabalho e outras tantas questões e instrumentos que potencializaria a didática dos/as professores e contribuiria, assim, para a melhoria da qualidade da educação.

## 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cotidiano da prática pedagógica das professoras iniciantes pesquisadas evidenciou outras possibilidades de criação e recriação de saberes curriculares, diante das políticas educativas neoliberais existentes, enquanto estavam atuando profissionalmente durante a investigação realizada.

Como se pode perceber, são tessituras identitárias que muitas vezes se camuflam e se metamorfoseiam, buscando extrapolar a visão pragmática e praticista da educação escolar, ou seja, ao mesmo tempo em que praticam currículos baseados no modelo oficial, também reelaboram os saberes da prática pedagógica, por meio de aulas e didáticas que acontecem na escola, na sala de aula, em outros espaços formativos fora da instituição, em planejamentos e encontros do PNAIC, em cursos de formação continuada, em debates e discussões com outros professores/as iniciantes e experientes, e com outros/as profissionais da educação e de outras áreas do saber, o que faz enriquecer, potencialmente suas práticas pedagógicas e educativas no cotidiano da profissionalização.

Em meio a essas políticas em processo de desenvolvimento, como as apresentadas neste artigo, como: o caso do PNAIC, a busca pelos resultados sempre exitosos do IDEB, embora existam inúmeras outras, resta questionar: Como seria a prática pedagógica das professoras iniciantes, diante das novas políticas curriculares que estão sendo postas em discussão pela hegemonia dominante no cenário brasileiro – e algumas em processo de implementação/divulgação – como é o caso do movimento “Escolas Sem Partido” e a BNCC? Mais precisamente, quais seriam suas implicações didáticas e curriculares na prática pedagógica de professoras iniciantes na atualidade?

Embora, essas questões acima não sejam respondidas neste texto, acreditamos que sejam por demais pertinentes de serem pensadas e refletidas acerca de seus impactos, como novas políticas educativas que no Brasil, vem ganhando força e transformando os modos de ser e estar de cada docente preocupado/a com a transformação social no contexto das reformas educativas vigentes, pela via da democracia e emancipação do saber curricular.

## REFERÊNCIAS

ALGEBAILLE, Eveline. Escola sem partido: o que é, como age, para que serve. In.: FRIGOTTO, G. (Org.). **Escola sem partido**: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017.

BALL, Stephen J. **Educação global S. A.**: novas redes políticas e o imaginário neoliberal. Tradução de Janete Bridon. Ponta Grossa: UEPG, 2014.

BRASIL. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**. Brasília: Ministério da educação, 2012. Disponível em: <<http://pacto.mec.gov.br/>>. Acesso: 26/02/2016.

CURADO SILVA, Kátia Augusta P. Cordeiro. Professores em início de carreira: as dificuldades e descobertas do trabalho docente no cotidiano da escola. In.: **38ª Reunião Nacional da ANPED**, Universidade Federal do Maranhão-UFMA, São Luís, 2017.

GALLO, Sílvio. **Deleuze e a educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

HYPOLITO, Álvaro. Políticas educativas, currículo e didática. In.: LIBÂNEO, José Carlos; ALVES, Nilda (Orgs.). **Temas de pedagogia**: diálogos entre didática e currículo. São Paulo: Cortez, 2012.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Tradução de José Cláudio, Júlia Ferreira; revisão Maria da Conceição Passeggi, Marie-Christine Josso. 2. ed. rev. E ampl. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

MACEDO, Elizabeth. Base nacional comum para currículos: direitos de aprendizagem e desenvolvimento para quem? **Educ. Soci.** Campinas, v, 36, n.133, p.981-908, out.-dez., 2015.

MACEDO, Elizabeth. As demandas conservadoras do movimento escola sem partido e a base nacional comum curricular? **Educ. Soci.** Campinas, v, 38, n.139, p. 507-524, abr.-jun., 2017.

MARCELO GARCIA, Carlos. **Formação de professores**: para uma mudança educativa. Porto: Porto Editora: 1999.

MORENO, Ana Carolina; TENENTE, Luiza; FARJARDO, Vanessa. '**Escola sem Partido**': entenda a polêmica em torno do movimento e seus projetos de lei. 05/09/2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/entenda-a-polemica-em-torno-do-escola-sem-partido.ghtml>>. Acesso em: 21/03/2018.

PACHECO, José Augusto. Currículo: entre teorias e métodos. **Cadernos de pesquisa**. Vol.39, n. 137, maio/ago./2009. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/cp/v39n137/v39n137a04.pdf>>. Acesso: 25/11/2017.

TORRES SANTOMÉ, Jurjo. **Currículo escolar e justiça social**: o cavalo de Troia da educação. Tradução Alexandre Salvaterra. Revisão técnica: Álvaro Hypolito. Porto Alegre: Penso, 2013.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**Kelly Cristina Campones** - Mestre em Educação ( 2012) pela Universidade Estadual de Ponta Grossa , na linha de pesquisa História e Políticas Educacionais. É professora especialista em Gestão Escolar, pela Universidade Internacional de Curitiba (2005). Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2004) diplomada para Administração, Direção e Supervisão Escolar . Membro do GEPTADO- Grupo de Pesquisa sobre o trabalho docente na UEPG. Tem experiência como docente e coordenadora na: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Médio, graduação e pós-graduação. Atualmente é professora adjunta na Faculdade Sagrada Família com disciplinas no curso de Licenciatura em Pedagogia. Tem ampla experiência na área educacional atuando nas seguintes vertentes: educação infantil, processo de ensino aprendizagem; gestão; desenvolvimento e acompanhamento de projetos ; tecnologias educacionais; entre outros.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-481-8

